**DIFICULDADES NA INCLUSÃO DOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS**

Renata Gil RealesTrevelato[[1]](#footnote-1)

Ediane Correia Gomes

Dilair Bartziki dos Santos Luiz

**Resumo**

Trata a pesquisa sobre dificuldades na inclusão dos portadores de necessidades especiais. A pesquisa é feita por meio de uma revisão de literatura em artigos e obras relacionadas ao tema. O objetivo da pesquisa é de traçar o paralelo entre a inclusão e educação para pessoas portadoras de necessidades especiais.

Palavras-chave: pedagogia. Inclusão. Educação

**INTRODUÇÃO**

As teorias recentes de aprendizagem têm se preocupado com a interação entre o conteúdo a ser aprendido e os processos psicológicos e filosóficos necessários para aprender, especialmente para portadores de necessidades especiais. A elaboração de estratégias de intervenção nas dificuldades detectadas pelo psicopedagogo na avaliação dos alunos pode ser facilitada pelo conhecimento da relação entre a neurociência da aprendizagem e as teorias de aprendizagem cognitivistas.

A Declaração de Salamanca foi promulgada na cidade espanhola do mesmo nome, em 1994, com objetivo de: “Promover a educação para todos, analisando as mudanças fundamentais de políticas necessárias para favorecer o enfoque da educação integradora, capacitando realmente as escolas para atender todas as crianças, sobretudo as que têm necessidades especiais”. (DECLARAÇÃO SALAMANCA, 1994).

Um dos principais temas da pesquisa de Vygotsky na última parte de sua vida foi o tema da formação de conceito ou de desenvolvimento conceptual na evolução da criança. le argumentou que a aquisição de conceitos maduros científicos constituem o coroamento dO adolescente. Pensamento conceitual maduro influencia positivamente o domínio cognitivo, mas também as reações e emoções estéticas. Por outro lado, a repartição do pensamento conceitual em patologia vai levar à deficiência intelectual severa, mas também embotamento emocional e assim, por conseguinte. Afirma-se que essa visão é muito interessante, por vezes excessivamente racionalista; a noção de conceitos científicos parece implicar uma visão um pouco estática da ciência e Vygotsky era bastante otimista sobre a possibilidade de transferência do pensamento científico (conceitual) para outros domínios e portadores de necessidades especiais. (VEER, 1994)

Os resultados mostram que aos três anos de idade a criança pode facilmente entender a narração simbólica de estrutura simples, e crianças de cinco anos incluem contas mais complexas.  O objeto permite que a função de substituto, mas o gesto é o que define e indica o significado. As crianças mais velhas entendem que os objetos e também indicam significados, destacando uma propriedade de objeto como um indicador do que está sendo representado por alterar a estrutura habitual dos objetos de acordo com o novo significado dado, por exemplo, quando a tampa de uma tinta que representando um carro, usado para indicar o banco do motorista.  Através do gesto de rabiscar gesto, e brincar, a criança desenvolve a capacidade de usar o simbolismo, por meio da representação simbólica das coisas em atividades de lazer todos os dias, com as primeiras formas de representação são estruturadas em base de conhecimento necessário para a assimilação da linguagem escrita por portadores de necessidades especiais. (MONTEALEGRE et al, 2006)

A pesquisa bibliográfica é importante, pois “depois de ter realizado uma adequada “revisão de literatura” sobre uma determinada área do saber, o pesquisador terá boas condições para formular um determinado problema” (RAMPAZZO, 2005, p. 70).

**1. O PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS**

Bradbury (2005) ensina que quando comparamos o nosso cérebro aos de outros animais, a primeira coisa que nos impressiona é o seu tamanho. Os cérebros humanos pesam, em média, 1.300 gramas; um cérebro esquilo pesa seis gramas. Alguma desta diferença é porque, como animais de maior porte, precisamos de mais cérebro para executar as funções de nossos corpos. No entanto, os cérebros de nossos parentes mais próximos, os grandes macacos, pesam apenas 300-500 gramas, apesar de seu tamanho corporal é semelhante ao nosso. "Os seres humanos se sentam no topo da pilha quando se trata de tamanho relativo do cérebro", observa o geneticista Bruce Lahn (University of Chicago, Illinois, Estados Unidos)

O cérebro prefere buscar e descobrir padrões por si próprio, gerenciando mais facilmente situações reais complexas do que artificiais mais simples. O cérebro está sempre tentando fazer conexões entre novos padrões e os já existentes, agindo não só racionalmente, mas também de forma criativa buscando por conexões não usuais. Cada cérebro é tão único quanto as características físicas que dotam cada pessoa da sua individualidade. Não existem duas pessoas que aprendam do mesmo jeito na mesma velocidade. Uma vez que a aprendizagem produz mudanças no cérebro, quanto mais uma pessoa aprende, mais diferenciado torna-se o cérebro. A infância é uma fase da vida definida pela maleabilidade do cérebro e sua predisposição de aprender certas habilidades com pouco esforço, como por exemplo aprender a falar uma língua e sua dependência de outros para prover os estímulos apropriados à aprendizagem. Já a adolescência caracteriza-se pela predisposição do indivíduo em responsabilizar-se pela sua própria tomada de decisão. A medida que os cientistas estudam o processo da aprendizagem eles verificam que o modelo construtivista de aprendizagem reflete melhor o processo natural do cérebro de fazer sentido do mundo ao seu redor. O construtivismo defende que a aprendizagem é essencialmente ativa. Uma pessoa aprendendo algo novo incorpora a essa experiência toda a sua bagagem anterior de experiências e padrões mentais. Cada novo fato ou experiência é assimilado num rede viva de compreensão que já existe na mente dessa pessoa. A aprendizagem não é nem uma atividade passiva e nem simplesmente objetiva. (WOLYNEC, 2004)

Como parte de uma realidade que cerca o portador de necessidades especiais, suas características, suas necessidades dentro de um contexto maior em que está inserido se Pode ainda afirmar na fala de Osório (2002, p. 9) que:

O portador de deficiência é considerado como qualquer ser humano dotado de sentimentos, emoções, elaborações mentais. Sua deficiência deve ser encarada como uma de suas múltiplas características e em sua individualidade deve ser concebida como sujeito de sua própria história, embora esbarre nas questões culturais postas. Há graus diferentes de possibilidades em cada portador de deficiência e é preciso reconhecê-las e dar uma delas o tratamento necessário.

Lima e Silva (2008, p.2) explicam que de acordo com a Organização Mundial de Saúde “deficiência é toda perda ou anomalia de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica”. O indivíduo com necessidades educativas especiais precisa de uma atenção diferenciada.

A paralisia cerebral também é considera uma necessidade especial. Bobath (1990, p.01) “a paralisia cerebral é uma desordem do movimento e postura devido a um defeito no cérebro em desenvolvimento”. O autor citado explica que a paralisia não é progressiva e provoca uma debilitação variável na coordenação da ação muscular, que é a incapacidade de uma pessoa em manter uma postura e realizar os mesmos movimentos, que os outros não portadores dessa debilidade. De acordo com Sales e Novello (2007, p.3):

A paralisia cerebral é também denominada de encefalopatia crônica não progressiva da infância, conseqüência de uma lesão anatomopatológica ou anomalia estacionária que agiu num sistema nervoso em plena maturação estrutural e funcional ocorrida no período embrionário.

Em relação ao desenvolvimento psicomotor, Bobath (1990) afirma que o indivíduo com paralisa cerebral tem como característica comum o comprometimento motor, que pode ser classificada como: Espástica, Distônica e Córeo-Atetótica, Atáxica ou Formas Mistas de Paralisia Cerebral.

O desenvolvimento da literacia envolve as seguintes etapas no processo cognitivo de consciência: primeiro, passando de consciência não da relação entre escrita e língua falada, para associar a escrita com a linguagem oral e domínio escrito que se refere diretamente a objetos ou entidades. Segundo, avançar o processo de operações consciente, incluindo a identificação de fonemas, a representação desses fonemas em palavras, a síntese das letras da palavra, a organização das palavras, a automação das operações e o domínio do texto escrita e linguagem escrita. Linguagem escrita é uma forma complexa de atividade analítica, em que a tarefa fundamental é a realização da construção lógica da idéia.  (MONTEALEGRE et al, 2006)

Mantoan ( 1997, p. 8) afirma que:

A integração escolar, cuja metáfora é o sistema de cascata, é um a forma condicional de inserção em que vai depender do aluno, ou seja, do nível de sua capacidade de adaptação às opções do sistema escolar, a sua integração, seja em uma sala regular, uma classe especial, ou mesmo em instituições especializadas. Trata-se de uma alternativa em que tudo se mantém, nada se questiona do esquema em vigor.

Carneiro (2012) lembra que a prática pedagógica inclusiva deverá se constituir pela junção do conhecimento adquirido pelo professor ao longo de sua trajetória e da disponibilidade em buscar novas formas de fazer considerando a diversidade dos alunos e as suas características individuais.

Rubinsten (2015) explicita que nos últimos anos, a pesquisa de neurociência cognitiva identificou várias características biológicas e cognitivas dos déficits de processamento de números que agora permitem diagnosticar necessidades especiais mentais ou educacionais na aritmética, mesmo antes e mais precisamente do que é possível usando ferramentas de avaliação tradicionais. Conjuntos de recomendações para melhorar as ferramentas de avaliação cognitiva, usando o caso importante da matemática como exemplo. (1) testes neurocognitivos beneficiariam substancialmente da incorporação de avaliações (com base em descobertas da neurociência cognitiva) que implicam manipulação sistemática de aspectos fundamentais do processamento de números. Os testes que se concentram na avaliação de redes de déficits neurocognitivos centrais têm um potencial considerável para levar a um diagnóstico mais preciso e fornecer a base para a elaboração de programas de intervenção específicos adaptados aos déficits exibidos pelo indivíduo. (2) o conhecimento implícito, derivado da inspeção de variáveis irrelevantes para a tarefa em questão, também pode fornecer uma ferramenta de avaliação útil. O conhecimento implícito é poderoso e desempenha um papel importante no desenvolvimento humano, especialmente em casos de deficiências psiquiátricas ou neurológicas (como dificuldades de aprendizagem de matemática ou ansiedade matemática) conforme estudo de Rubinsten (2015)

Segundo Vygostsky (1998, p.110) “a aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar(...),mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança”. Desde que a criança nasce começa a mostrar um certo crescimento em diversas áreas de sua vida ,ela mostra aprendizagem e põe em prática seus conhecimentos de modo a fazer ligação entre aprendizagem e desenvolvimento,tornando-se capaz de inserir-se no âmbito escolar da sociedade a qual faz parte.

**2 DISCUSSÃO**

Mesmo um único déficit no nível comportamental ou cognitivo pode produzir, através do desenvolvimento, uma cascata de dificuldades (Rutter e Sroufe, 2000) que eventualmente se tornará comorbidade (por exemplo, matemática e re dificuldades) ou parece ser uma rede de sintomas no nível comportamental (ou seja, baixas realizações na escola em várias áreas). Por exemplo, a documentação de substratos neurais distintos para diferentes aspectos do processamento de sugere que as perturbações em uma das redes (destruição, desconexão ou mau funcionamento) podem dar origem a mais de um déficit cognitivo, por exemplo, juntamente com a Dislexia.

Rubinsten (2015) explica que a avaliação da rede de déficits pode levar a um diagnóstico mais preciso do problema mais fundamental, o que poderia melhorar os desenvolvimentos de programas de intervenção específicos. Na verdade, a pesquisa de neurociência cognitiva identificou assinaturas cognitivas e biológicas que podem servir para diagnosticar necessidades especiais mentais ou educacionais, mesmo antes ou mais precisamente do que seria possível pela inspeção comportamental. Vamos discutir estes dois aspectos que são significativos para a avaliação de DD, ou seja, diagnóstico precoce e inspeção precisa, sob o nexo de neurociência cognitiva e educação. Nós trazemos a capacidade de processar informações quantitativas como um exemplo. Nas últimas três décadas, argumentou-se extensivamente que o fundamento cognitivo da matemática recai sobre as representações mentais que se desenvolveram ao longo da evolução (Dehaene, 1992; Feigenson et al., 2004; Cantlon et al., 2009).

O indivíduo na sociedade hodierna é definido de maneira normativa/padronizada e estereotipada, a partir de características que podem ser atribuídas a essa pessoa e que permitem que seu crescimento e desenvolvimento sejam monitorados e supervisionados. “As características do indivíduo são organizadas de modo "transistórico", o desenvolvimento específico à idade é separado de qualquer situação histórica imediata”. (POPKEWITZ e LINDBLAD, 2001)

Conforme Picker et al (2014) necessidades especiais é comum. Até a segunda metade do século XX, não houve tratamentos eficazes. Após avanços iniciais associados à triagem do recém-nascido e às correções metabólicas, pouco progresso foi feito até recentemente. Com uma melhor compreensão dos mecanismos genéticos e celulares, novas opções de tratamento estão começando a aparecer para uma série de condições específicas. O X frágil e a esclerose tuberosa oferecem paradigmas para o desenvolvimento de terapêuticas específicas, mas os avanços na compreensão de outros distúrbios, como a síndrome de Down e síndrome de Rett, por exemplo, também estão resultando em direções de tratamento promissoras.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi verificado que a educação inclusiva é abarcada de forma generalizada no currículo de formação inicial de professores. Nota-se assim que não há uma formação inicial consistente pra atuar com a diversidade no âmbito escolar.

Constatou-se que a prática pedagógica inclusiva deverá se constituir pela junção do conhecimento adquirido pelo professor ao longo de sua trajetória e da disponibilidade em buscar novas formas de fazer considerando a diversidade dos alunos e as suas características individuais especificamente dos portadores de necessidades especiais.

**REFERÊNCIAS**

Altermark Niklas A ideologia da neurociência e da deficiência intelectual: reconstituindo o cérebro "desordenado" Páginas 1460-1472 | Recebido em 20 de outubro de 2013, aceito 29 de julho de 2014, publicado on-line: 23 de setembro de 2014

BOBATH. Karel. Uma base neurofisológia para o tratamento da paralisia cerebral. 2. ed. São Paulo: Manole, 1990.

Picker Jonathan D., MBChB, PhD1,2 and Christopher A. Walsh, MD, PhD1,3 New Innovations: Therapeutic opportunities for Intellectual disabilities Ann Neurol. Author manuscript; available in PMC 2014 Sep 1. Published in final edited form as: Ann Neurol. 2013 Sep; 74(3): 10.1002/ana.24002. doi: 10.1002/ana.24002 PMCID: PMC3876407 NIHMSID: NIHMS531954

Rubinsten Orly \* Link between cognitive neuroscience and education: the case of clinical assessment of developmental dyscalculia Front Hum Neurosci. 2015; 9: 304. Published online 2015 May 28. doi: 10.3389/fnhum.2015.00304 PMCID: PMC4446534

VEER, René van der. O conceito de desenvolvimento e o desenvolvimento de conceitos. Educação e desenvolvimento no pensamento de Vygotsky European Journal of Psicologia da Educação. De Dezembro de de 1994 , Volume 9, Issue 4, pp 293-300

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. Trad.: Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fortes, 1993.

ZYCH, Anizia Costa; UJIIE, Nájela Tavares. O paradigma da inclusão na educação infantil: representações sociais de coordenadoras de CMEI . Anais...IX Congresso Nacional de Educação.26 a 29 de outubro, 2009. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

1. Professoras de Pedagogia [↑](#footnote-ref-1)